

## EM CENA, OS INTELLECTUAIS\*

Renata Moreira (UFMG/CNPq)<sup>1</sup>

Composto por doze capítulos, concebidos como pequenos ensaios, além de um breve texto de apresentação, o livro *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*, lançado em 2008 pela Faculdade de Letras da UFMG é uma tentativa de repensar a função do intelectual na atual cena pública, atravessada que esta é por múltiplas tensões.

Ainda na apresentação, as organizadoras, Ivete Walty e Maria Zilda Cury, respectivamente, professoras da PUC-MG e UFMG, apontam o crescente interesse do mercado editorial brasileiro pelas discussões em torno da figura do intelectual. Alertam, entretanto, para a especificidade do livro. Segundo elas, a publicação não foi concebida por modismos ou pressões de mercado, mas por uma necessidade de se rediscutir a função do intelectual na contemporaneidade, levando em conta, para tanto, as “novas configurações no campo político e cultural, o acirramento das divisões e conflitos criados e alimentados pelos processos mais recentes de globalização” (2008, p. 7).

Resultado dos trabalhos engendrados por grupo de pesquisa em projeto homônimo, *Intelectuais e vida pública*, apoiado pelo CNPq, reúne pesquisadores dos mais diversos níveis, desde alunos de Iniciação Científica até professores doutores, passando por mestrandos e doutorandos.

Para uma visão mais completa acerca do livro, o delineamento de seus capítulos faz-se necessário. Em “Intelectuais em cena”, Maria Zilda Ferreira Cury começa por tentar entender quem é essa figura tão controvertida, o intelectual. Para tanto, busca ancorar-se na raiz etimológica da palavra, juntamente com o percurso histórico do termo. Atenta para a importância do lugar de enunciação do escritor, bem como pela forte característica de ação mediada pela palavra.

Em “Intelectuais e outros saberes”, Ivete Lara Camargos Walty aponta para a postura do intelectual de hoje: segundo ela, já não se vêem como porta-vozes, pelo contrário: relacionam-se com vários grupos e se situam no trânsito de diversas áreas. Para Walty (2008), “a diferença é que se antes os in-

\*\*\*\*\*  
\* Livro resenhado: WALTY, Ivete ; CURY, Maria Zilda (Orgs.). *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais. É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

telectuais se queriam divulgadores da cultura dada como superior, mediadores da civilização ou doadores de 'biscoitos finos' à massa, hoje, desconfiados de sua própria superioridade, articulam-se com outros grupos" (p. 34).

Já Sandra Regina Goulart Almeida volta sua atenção para a questão da voz feminina. Em "Intelectuais cosmopolitas: mulheres, migrações e espaço público", o lugar da mulher intelectual frente à nova diáspora é analisado. Olga Valeska, por sua vez, em "Os filhos de Thaumata: cosmologia e linguagem numa perspectiva interdiscursiva", diferencia o sábio do intelectual, percebendo o conhecimento hoje como construção e não como algo solidificado e exato. Tal configuração geraria queda de fronteiras e, conseqüentemente, variada gama de interdiscursos.

Outro momento histórico que não o presente é abordado por Jussara Santos em "José do Patrocínio: intelectualidade e solidão". A pouca presença do negro no Romantismo, em contraposição ao índio, é apontada pela autora para, em seguida, analisar o papel intelectual de José do Patrocínio. Certa invisibilidade e subalternidade do negro na sociedade de então é questionada, pondo em cena a figura de Patrocínio: negro, cindido por diversas rupturas, entre elas, a de ser um intelectual de cor numa sociedade de pensamentos brancos e importados.

"O Homem, a Terra, o Sertão: atuação ética e política de Graciliano Ramos", de Vanda Cunha Albieri Nery, é responsável por trazer à baila o cenário político e social da Era Vargas. Nele, a postura intelectual do autor alagoano é discutida, passando pela prisão, pela desumanização do homem retratada em *Vidas Secas*, e, principalmente, pelas noções de linguagem e ética na obra de Ramos.

Maria da Conceição Carvalho, em "Eduardo Frieiro, um perfil intelectual", apresenta-nos o mineiro como um escritor polígrafo, autodidata e professor. Sua função intelectual, notadamente fixada nas atitudes de leitor e escritor, é apontada como a de um "clerc que não traiu", para fazer menção à conhecida expressão de Julien Benda.

"A História Alegre de Belo Horizonte": o cronista Djalma Andrade", de Maria do Carmo dos Santos, revela a política intrínseca nas crônicas do escritor, poeta e jornalista. Na análise da referida coluna, percebemos um intelectual

ativo, entre vaias e aplausos no jogo com o Estado, com a política e sociedade em geral, usando a escrita como efetiva forma de participação social.

Em "Clarice Lispector e os intelectuais na era Vargas", de Margareth Franklin e em "*A hora da estrela: um necrológio intelectual*", de Rogério Silva Pereira, os autores tentam perceber a postura de Clarice Lispector como intelectual do dissenso, que usa a escrita como "exercício de crítica à sociedade" (Franklin, p. 160). Pereira, por sua vez, analisa o romance *A hora da estrela* como preche de significados em relação à postura do intelectual, principalmente por meio do narrador da obra.

Angélica Gherardi Sindra, em "Deslocamentos do intelectual moderno: o lugar de Luandino Vieira no contexto político e literário angolano", traz-nos a contribuição do autor africano frente às demandas do contexto específico de Angola. A perene posição de contestação e a disposição de levantar questões embaraçosas fazem lembrar a definição do intelectual sartreano. A autora aponta, em Luandino, diferentes formas de engajamento, que o configurariam como inequívoco intelectual.

Intitulado "A poesia de Mahmoud Darwich como voz da resistência palestina", de Alexandra Silva Montes, o último texto traz o poeta palestino como voz da resistência, em contexto de cisões. Sua poesia é apontada como "exemplo de conflito entre diferenças" (p. 229), como parece ser a sina dos intelectuais de nosso tempo.

Os capítulos são heterogêneos, como era de se esperar em livro oriundo de grupo de pesquisa, em que cada um dos participantes volta seu trabalho para determinado recorte. Entretanto, essa talvez seja a maior força da obra: abordar a questão do intelectual por diversos ângulos, discutindo, principalmente, o tema do escritor como intelectual. Outro ponto a ser apontado favoravelmente é que tal discussão provém da universidade, reduto tradicional da intelectualidade. Nesse ponto, a academia traz para si a função de pensar o intelectual e se repensar continuamente, contribuição indispensável do livro e da instituição.

**UEA**  
Edições

Impresso na IonGraf, fonte Segoe UI 10, 14,85  
x 21cm, miolo em gramatura 75g off-set, para  
UEA Edições.  
Tiragem de 300 exemplares.